

LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia



R\$ 8,00

ANO XV - junho 2012 - Nº 155
www.luzecena.com.br

Lollapalooza Brasil & Sónar 2012

O show de luzes dos festivais internacionais que agitaram São Paulo

AES Brasil Expo

Por dentro da 16ª edição da feira

Operação de Vídeo

Verificando cenas com instrumentos de medição



Entrevista exclusiva

Walter Carvalho

Fotógrafo e cineasta revela bastidores de cinebiografias de Heleno e Raul



LUZ & CENA

junho 2012

foto capa: Divulgação

foto box (Walter Carvalho): Beto Felício



36

capa

Lollapalooza Brasil & Sónar 2012

Em detalhes, a luz dos grandes festivais internacionais que agitaram São Paulo

por Rodrigo Sabatinelli

EDITORIAL	4
PRODUTOS	6
DESTAQUE	10
EM FOCO	12
EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO	48
ILUMINANDO	52



18

evento

AES Brasil Expo: Por dentro da 16ª edição da feira

por Rodrigo Sabatinelli

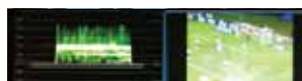


22

entrevista

Walter Carvalho: Fotógrafo e cineasta revela os bastidores de cinebiografias de Raul Seixas e Heleno de Freitas

por Fernando Barros



42

operação de vídeo

Verificando cenas com instrumentos de medição

por Glauco Paganotti



56

galeria

Fogo Fátuo

por Renato Noronha

EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
FARLLEY DERZE E RICARDO HONÓRIO

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS
RODRIGO SABATINELLI E
BRUNO BAUZER
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO
MARCIO HENRIQUE FERNANDES

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRAFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936028/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

Na rota do mundo

Quantos de nós não passamos boa parte da vida escutando que o Brasil era o país do futuro? Parece que a previsão nunca se concretizou, uma vez que somente agora os cenários econômico e social começam a sorrir para nós. Sendo assim, não podemos ser indicados como um potência futura, mas como uma realidade presente.

Como sabemos que cultura e arte sempre se beneficiam quando o panorama aponta para um inegável desenvolvimento, nada mais natural do que o país estar na rota mundial de shows, grande festivais e exposições, além dos já celebrados eventos esportivos... “Coisa pequena”, como Copa do Mundo e Olimpíadas.

Mas foquemos nos festivais. Sim: os festivais. Se antes o país parava diante das imagens em preto e branco dos Festivais Internacionais da Canção, hoje a juventude se mobiliza, nas ruas e nos espaços virtuais, em torno das cores que envolvem os festivais contemporâneos. E se antes o agora internacional Rock in Rio era a única referência (ou quase única, já que o extinto Hollywood Rock também fazia barulho), hoje muitos são os festivais a marcar presença do norte ao sul do país ao longo do ano.

Dois exemplos são os que destacamos em nossa capa deste mês: o Sónar e o Lollapalooza, que se diferenciam da maioria e evidenciam ainda mais essa “mudança do jogo” econômico e cultural mundial por serem eventos de origem internacional. Enquanto o primeiro promove a música de vanguarda e a arte multimídia desde sua primeira edição, realiza em 1994 na sua Barcelona natal, o americano “Lolla” surgiu em 1991 como uma “casa ambulante” do rock alternativo, do metal e até do hip hop. Como você poderá ver na matéria, a iluminação das edições de 2012 dos eventos não ficaram para trás das versões europeias e americanas. Isso porque, em tempos de alta tecnologia e de know how globalizado, tanto os equipamentos utilizados quanto os profissionais por trás destes podem ser considerados tão “vanguarda” quanto os próprios artistas. Os staffs das bandas são exigentes? Ok: a iluminação brazuca dá conta do recado.

O outro grande destaque desta *L&C 155* é uma super e exclusiva entrevista com o premiado fotógrafo e cineasta Walter Carvalho, na qual revela os bastidores de *Raul: o Início, o Fim e o Meio*, um documentário que revela as várias facetas do genial Raulzito, e de *Heleno*, aguardado filme que recria a história de glória e decadência de Heleno de Freitas, um dos principais jogadores brasileiros da década de 1940.

Além de esmiuçar o processo criativo e o ferramental técnico por trás das obras, Walter aborda desde a força do cinema preto e branco até a falta de uma linguagem própria para o cinema digital. Vale a pena conferir!

Boa leitura!

Marcio Teixeira

A POESIA DA LUZ

Uma história que ficou em minha memória devido à poesia das imagens foi a que aconteceu com o artista da luz norte-americano James Turrell, nascido em 6 de maio de 1943, em Los Angeles. A cidade servia de rota aérea para aeronaves que cruzavam o Oceano Pacífico durante a 2ª Guerra Mundial. Devido à possibilidade de ataques aéreos, a população era orientada a camuflar suas residências para não serem vistas pela aviação inimiga. As residências eram cobertas com lonas esverdeadas em dias determinados como forma de treinamento para uma necessidade de defesa, mesmo com o fim da guerra.

Turrell era criança e lembra da primeira vez que seu pai, um engenheiro da aeronáutica, cobriu toda a casa. Seu quarto, de repente, escureceu quando a lona caiu do alto do telhado e encobriu a janela. Mas a lona era surrada, antiga, usada... por isso estava repleta de pequeninos furos. A luz do sol atravessava aqueles furos e Turrell imaginou um monte de estrelas projetadas no chão do seu quarto escuro. Quando cresceu, tornou-se artista plástico e piloto. Como artista, escolheu a luz como ferramenta de trabalho. Como piloto, escolheu voar de noite para estar mais perto das estrelas do céu. Em 1979, adquiriu um vulcão desativado no deserto do Arizona. Lá embaixo, no fundo do vulcão, posicionou assentos para seus convidados se acomodarem e olharem para cima quando a noite chegasse. Através

da abertura central, lá em cima se via a imagem do céu noturno, como uma lona salpicada de luz.

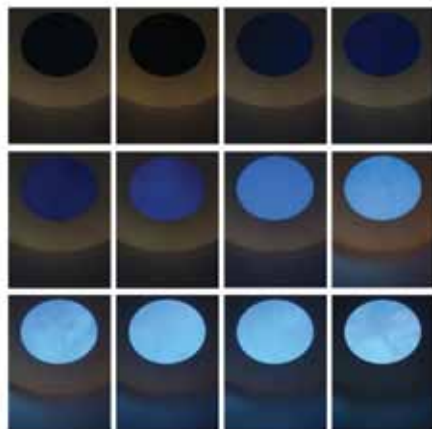
SOMBRAS VIVAS

Então me lembrei da primeira experiência marcante que tive com a luz. Isto é, da primeira a ficar na memória. Foi na minha infância: minha avó acendendo uma vela à noite quando faltou luz no bairro nos anos 1970. Ela mexia com as mãos e fazia desenhos com as sombras na parede da sala. De repente, vi um coelho e suas orelhas longas. Em outro momento, o coelho baixava as orelhas e piscava um dos olhos... Depois surgiu um coração... Hoje vejo luz e sombra tal qual a palavra dentro da poesia, a música dentro da partitura, a imaginação dentro da memória. Muitas vezes fui ao teatro e saí encantado com o modo como o iluminador ou o técnico de luz transformam equipamentos em gramática visual de sombras vivas que vêm e vão feito sussurros da luz a gesticular no espaço.

MEMÓRIAS

Em 2008, percorri o Brasil com uma câmera de vídeo digital para colher histórias de iluminadores sobre como começaram na profissão, quem foram seus mestres, que trabalhos consideram significativos em suas carreiras, casos engraçados que viveram ou testemunharam. Naquele ano, entrevistei a iluminadora Marga Ferreira em sua casa em Porto Alegre, e, em algum momento, lhe perguntei: "você é a primeira iluminadora [mulher] do Brasil?". Ela disse que não, pois quando começou sua vida profissional já tinha ouvido falar de uma mulher em São Paulo. Acendeu um cigarro e a voz que atravessou a fumaça disse: "Judy Spencer". Esse é o nome da primeira mulher brasileira a trabalhar com iluminação cênica em nosso país.

Naquele mesma semana, depois de alguns contatos, consegui o telefone da Judy Spencer, liguei e no mês seguinte me dirigi a São Paulo para entrevistá-la. Contei com a ajuda do Toninho Rodrigues (SP), que me levou de carro até o Bairro do Limão. Ao chegar, fui muito bem recebido por ela, que me conduziu pelo galpão que faz parte de seu escritório de locação de equipamentos de luz. Olhei fotos antigas na parede, da



Do livro *James Turrell – A Life in Light*



Clube da Sombra (RS)

época em que fazia a luz para Os Mutantes. No meio da entrevista, Judy quis me mostrar um baú. Ela abriu a tampa e lá dentro estavam todos os crachás dos espetáculos que ela iluminou. Pense em um baú grande. Pense nele lotado de crachás que transbordam.

Então ela me perguntou: “sabe por que eu guardo isso?”. “Não”, foi minha resposta sorridente. Ela disse: “quando eu morrer, já pedi que não cubram meu corpo com flores, mas com todos os meus crachás”. Ao ouvir aquela frase, reagi com um sorriso de admiração, e a imagem poética que ela produziu em minha mente e o som da voz dela, terna e meiga, já não estão restritos ao Bairro do Limão, mas nessas páginas da *Luz & Cena*, bem como no espaço e tempo que constroem a memória de uma profissão.

LUZ DE VELAS

E por falar em memória, não me recordo quantos atores eram, qual era o enredo da história e nem quanto tempo durou aquela peça de teatro que assisti, em 1998, no Teatro do Museu da República, no Rio de Janeiro, mas ficou na minha cabeça a iluminação feita apenas com luz de velas para representar uma história do século 19.

Lembro-me de um ator caminhando no palco com um castiçal triplo e as velas acesas, da fumaça que

rabiscava o ar, das sombras das personagens nas paredes como tentáculos da escuridão a dialogar com as chamas. Lembro-me das velas que se derretiam lentamente, sem a pressa do futuro e o cheiro que vinha daquela luz. Já se passaram anos desde aquela peça que encenava o século 19 para espectadores do século 20, mas daqui, do século 21, ainda me sinto lá, mesmo sem lembrar o nome da peça, o roteiro ou os atores. Sobrevive em minha memória sua iluminação.

POETAS DA LUZ

Com 26 letras do alfabeto, quantas poesias podem ser feitas? Com sete notas musicais, quantas músicas? Com dez algarismos, quantos números podem ser criados? Com tintas e cores, quantos quadros podem ser pintados? Da luz geral ao foco fechado, quantas histórias podem ser iluminadas?

Chegamos à conclusão de que são infinitas as possibilidades quantitativas de poesias, músicas, números, pinturas e tipos de iluminação cênica. Isto é, com os mesmos materiais, ferramentas ou equipamentos podem ser obtidos resultados muito diferentes.

Bem, acredito que todos concordem com essa conclusão um tanto óbvia. Mas o ponto onde repousa (ou se debate) a minha reflexão é sobre aquele pedaço da história quase inacessível, que é o momento que antecede a imaginação, a criação, a ideia.

Eu sempre me perguntei o que acontecia na mente do Beethoven antes de surgir a ideia que se materializou no “tchan-tchan-tchan-tchannnn” da 5ª Sinfonia. Ah, se a gente pudesse ter essa chance... Eu gostaria de entrar na mente do poeta, do compositor, do matemático às vésperas de criar uma fórmula algébrica, do pintor, do iluminador nos segundos (milissegundos!) antes dele decidir aquilo que vai se materializar no efeito cênico que a plateia vai experimentar. Ser uma espécie de espião mental que consegue flagrar a forma e o conteúdo da semente que vai dar origem à ideia que dará forma à imaginação, memória e experimentos que o iluminador combinará ao seu conhecimento técnico para criar sua luz. Pronto: é esse momento que não me parece óbvio, mas, sim, e sobretudo, poético.

Então as mãos, os olhos e os equipamentos são as ferramentas externas usadas para concretizar a ideia que vai modelar a criação. É sobre essa história dentro



Cia. de Dança Palácio das Artes (MG), com iluminação de Jamile Tormann

da história a qual que me refiro como quase inacessível e que me parece provocante à reflexão. Essa espécie de pré-história do surgimento de uma ideia-semente (os milissegundos antes) que vai fertilizar a imaginação que se converterá em tchan-tchan-tchan-tchannnn... ou em cores numa tela cubista, ou em um foco fechado âmbar sobre um copo d'água na caixa cênica para onde convergem todos os pares de olhos imersos na escuridão.

É como se fosse possível entrar na mente do Gabriel García Márquez para ver o que acontecia antes dele criar a frase "a luz é como água". Olá, vocês que fazem poesia com a luz: será que alguém concordaria com a tese desse texto, de que a infinidade de resultados diferentes na literatura, na música, na matemática, na pintura e na luz poética teria origem na pré-história da ideia que dará forma à imaginação? Nesse ponto eu retorno para aquela casa de Los Angeles onde James Turrell, quando tinha seis anos de idade, imaginou o céu noturno projetado no

chão de seu quarto ao ver minúsculos pontos da luz do sol atravessarem os furinhos da lona surrada que encobria e escurecia sua casa, a janela de seu quarto.

Vejo as mãos de minha avó a desenhar coelhos feitos de sombras na parede iluminada pelas velas e me pergunto quando essa ideia surgiu na mente de nossos ancestrais. Ouço Judy Spencer me dizer "olha o baú onde guardo minha vida iluminada". Amanhã convidarei minha esposa para um jantar à luz de velas, que, no século 19, era uma necessidade funcional, e que no século 21 é o passado em forma de poesia. E imagino o iluminador em seu processo de criação, que envolve a "pré-história da ideia", imaginação, conhecimento e técnica, além da troca de ideias com outras pessoas. Em outra hora está sozinho e concentrado, e pode até fechar seus olhos como se estivesse olhando para sua mente, porque sabe capturar o segredo e o silêncio que converterá luz em poesia do tempo, poesia do espaço, poesia visual, poesia humana.



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamiletormann.com